

BARBOSA LIMA SOBRINHO*

Num balanço financeiro, de tudo o que o Brasil importa e exporta, o nosso déficit vem crescendo desde que ingressamos nessa chamada globalização. Um nome arrevesado, para uma situação de que nunca nos afastamos no decorrer de nossas contas externas, senão num breve período, ainda nos tempos de Getúlio Vargas.

Quando hoje temos que enfrentar uma situação que põe em risco a independência do Brasil, com um déficit de 33 bilhões de dólares, a moeda que vem substituir a libra esterlina de outros tempos. Porque o nome de nossa moeda nunca chegou a figurar nas estatísticas oficiais.

Seja qual for o nome da moeda de nosso déficit nas contas internacionais, o certo é que ele já representa 4,2% de nosso Produto Interno Bruto. O que está longe de nos tranquilizar, sobretudo quando o comparamos com o déficit do ano passado, que já nos dava notícia de uma situação deficitária, que tomara o lugar dos saldos de outros tempos. Quando ainda nem se falava em globalização, embora ela já estivesse presente em nossas contas internacionais.

E quando os déficits vão se acumulando, de ano para ano, é o caso de recorrer aos homens honrados, que se destacaram na defesa dos interesses do Brasil, em oposição aos chamados especialistas que, embora nascidos no Brasil, estão de algum modo a serviço dos que defendem interesses de outros países. Enquadram-se nesse caso os que defendem as mercadorias que importamos, pouco ou nada ligando aos produtos brasileiros. Trava-se aí um verdadeiro duelo, entre os defensores da economia do Brasil e os que estão presos aos interesses de empresas estrangeiras.

Do nosso lado, encontramos o economista Aloísio Teixeira, diretor do Instituto de Economia Industrial da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É o que se lê em sua entrevista que o *Jornal do Commercio* publicou re-

centemente, com o título de “A outra cara da globalização”. Não se trata de uma entrevista para encher a folha de serviços dos redatores de um jornal que já conta com 170 anos de existência e de defesa da economia nacional. É a palavra lúcida de um defensor de nossa economia industrial, numa hora grave, em que é difícil se ter ilusões quanto ao seu futuro. Estamos formando uma nova política, que Aloísio Teixeira considera “engraçada”. E engraçada pelo fato de ser adotada pelo Brasil contra seus próprios interesses. Será isso apenas “engraçado”? Ou terá outra significação, decerto menos indulgente, quando põe em risco os interesses da economia industrial da própria nação?

Nesse processo, estamos assistindo a um movimento de liquidação de empresas com reestruturação de grandes grupos, para cuja gravidade o professor Aloísio Teixeira sugere a necessidade de se criar medidas de eficiência garantida em defesa do Brasil. Não seria o caso de indicar quais seriam essas medidas? Mas ele não o faz, embora reconheça a urgência de soluções. Porque o que está ocorrendo, segundo o que o próprio professor define e acentua, é que uma série de empresas nacionais, que tinham grande importância estratégica, estão sendo passadas a grupos estrangeiros, num trabalho surdo de desnacionalização da indústria brasileira. Um trabalho a que se procura dar o nome de “privatização” mas que, na verdade, trata-se da mais tresloucada desnacionalização da nossa indústria.

Há um sentido de denúncia quando o sr. Aloísio Teixeira depõe sobre a “privatização” de empresas como, por exemplo, a Vale do Rio Doce, que havia começado com a união de duas empresas estrangeiras, depois compradas pelo governo de Getúlio Vargas e, agora, volta novamente ao mercado privado. O mesmo trajeto percorrido pela Light and Power e diversas outras, sempre coincidindo na sua volta ao capital externo, com abusivos aumentos de tarifas e piora acen-

tuada em seus serviços. Tudo sem qualquer possibilidade de uma fiscalização eficiente pelo poder público, que a tudo assiste fazendo gracejos, como a criação de agências de controle que, todos sabemos, nunca funcionaram em parte alguma do mundo.

E a corrida é grande. O próprio Banco Central informa que os investimentos diretos estrangeiros cresceram 72,4% em 97, em relação ao ano anterior. Mais de 17 bilhões de dólares apenas no ano passado. O que Hélio Fernandes registra no seu jornal, constatando que nossas empresas estão mudando de dono e que, como eram realmente produtivas, estão transferindo para fora os seus lucros, com uma evidente descapitalização de nosso país.

Um processo que reduz o Brasil a uma espécie de escravidão, no desvio de seus lucros, em atividades que não prescindem do trabalho de uma grande massa de brasileiros. Passamos todos a uma situação de dependência e subordinação, de donos a simples empregados, com ordenados suficientes apenas para não se morrer de fome. Numa situação de quem está sendo passado para trás, como se de novo voltássemos para um regime colonial, de quem se resigna a procurar, no fundo do mar, as moedas que os viajantes ricos atiram às águas, para o deleite de rir-se com o esforço que fazemos para apanhá-las.

Por isso os vocabulários estão sendo revistos e alterados, para corresponder à realidade atual. Para o gosto de maus poetas, facilitando suas rimas com palavras como “globalização”, “privatização”, que também não deixam de rimar com “escravidão”, resultado, como diz o sr. Aloísio Teixeira, de uma política equivocada que não dá para voltar atrás. Sobretudo quando as mentes entorpecem, os caminhos ficam mais difíceis para nos levar ao rumo da soberania brasileira. Ou será que não podemos mais falar em soberania brasileira? Com um ambiente tão ávido por “agências” e gorjetas?